

AQUI EU VIVO: ESPAÇO E MEMÓRIA

Wellington Pedro da Silva¹
Leila Regina Silva²

Na compreensão do território como lugar de memória, recorre-se, neste artigo, à identificação das relações que as pessoas estabelecem com o lugar em que vivem na instituição de uma identidade social definida fundamentalmente através do território. Assim, entende-se como esse território uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta (Haesbaert, 1999, p. 172). O lócus de análise é o bairro Taquaril no município de Belo Horizonte integrante do Programa Pontos de Memória – Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.

Atualmente a comunidade passa por complexas transformações urbanas com obras de realocações realizadas e previstas pelo recente PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Sob este aspecto, tem-se que, não é apenas uma construção física de tijolo e cimento que está sendo removida, mas a construção de uma vida inteira, dos afetos e memórias individuais e coletivas. A casa vista como um lar, um lugar no mundo para viver, lutar e sonhar junto com todos os outros que se unem na mesma luta diária.

A comunidade é abordada como patrimônio histórico e tece as histórias e vivências dos moradores como uma dinâmica trama de constituição de identidade territorial. Toma-se como premissa o conceito de que a construção das identidades territoriais possui duas dimensões, uma ancorada na memória coletiva, construída em torno do passado para confirmar uma diferenciação e construir, com maior sucesso, uma identidade. E outra ancorada nos referenciais espaciais, tanto do passado como do presente que podem ter várias origens (Haesbaert, 1999).

Em meio a esse cenário, toma-se, ainda, como referência o desenvolvimento de novas políticas governamentais na instituição de Programas que reforçam o direito à memória a qual tem todos os grupos humanos. Tais políticas enfatizam a importância da preservação do

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto.

² Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

patrimônio histórico, artístico e cultural de comunidades a partir de olhares, cotidianidades e poderes internos. Neste sentido, destacamos o programa Pontos de Memória desenvolvido pelo Ibram - Instituto Brasileiro de Museus.

De acordo com seu site institucional o Programa tem o objetivo de apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da Memória Social. Com metodologia participativa e dialógica, os Pontos de Memória concebem a memória de forma viva e dinâmica, como resultado de interações sociais e processos comunicacionais, os quais elegem aspectos do passado de acordo com as identidades e interesses dos componentes do grupo. Inicialmente, em uma primeira fase, foram desenvolvidos 12 Pontos de Memória, situados em comunidades populares em diferentes cidades e estados do Brasil.

Os Pontos de Memória valorizam o protagonismo comunitário e concebem o museu como instrumento de mudança social e desenvolvimento sustentável. A expectativa alimentada é de que em estágio pleno de desenvolvimento os Pontos de Memória são capazes de promover a melhoria da qualidade de vida da população e fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento, além de impulsionar o turismo e a economia local, contribuindo positivamente na redução da pobreza e violência.

Aqui eu vivo

O Bairro Taquaril está localizado na Regional Leste do Município de Belo Horizonte – Minas Gerais. Mais especificamente, entre os bairros: Alto Vera Cruz, Granja de Freitas e Castanheiras que faz divisa com o Município de Sabará. Tem sua origem marcada pela luta social por moradia numa metrópole que extrapolava os contornos projetados pela arquitetura e, historicamente colocou á margem pessoas e lugares.

O processo de ocupação e soerguimento da comunidade se deu, inicialmente, com a construção do chamado Conjunto Taquaril, no ano de 1981. A área do Conjunto pertencia a CODEURB – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado de Minas Gerais. Segundo o Plano Global da URBEL – Campânia Urbanizadora de Belo Horizonte, o Conjunto Taquaril foi dividido em 14 setores, sendo que parte do setor 12 e os setores 13 e 14 pertencem à região do Castanheiras, divisa com o município de Sabará. Por volta de 1984, por intermédio do CAC – AVC – Centro de Ação Comunitária Alto Vera Cruz, iniciou-se um grande

movimento de luta pró-moradia no Alto Vera Cruz. Destaca-se que:

este movimento reuniu cerca de oito mil famílias, vindas de todas as regiões de Belo Horizonte. Foram meses de luta, em que o grupo ia a pé do Alto Vera Cruz até às portas da Prefeitura Municipal ou até o Palácio da Liberdade. Líderes comunitários contam que durante estas caminhadas ocorreram repressões dos policiais e sofrimento (Site: Favela é isso aí).

No ano de 1987 a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, após a reivindicação do movimento dos “Sem Casa”, parcelou novamente a área dos sítios do terreno da extinta CODEURB em lotes de 150 m² para atender a mais ou menos duas mil famílias. Segundo o presidente da Associação Comunitária de Moradores do Bairro Taquaril, Sr. Oswaldo Lopes Pedroso, as famílias precisavam construir suas casas e se mudar num prazo de apenas três meses, daí os moradores organizaram grupos de trabalho para limpar os terrenos e construir as casas em mutirão. Nesta época, foi fundado o Centro Comunitário Pró-Construção e Desenvolvimento do Taquaril. A importância de um acontecimento é reconhecida por sua capacidade de reorganizar as proximidades e as distâncias nos espaços, “*quando não seu poder de instaurar novos espaços-tempos novos sistemas de proximidades*” (HAESBAERT, 1999). Além do espaço físico ou geométrico existem também os espaços de significação, que compreende espaços afetivos, estéticos, sociais, históricos, entre outros. Ao se instituir o *Taquaril* é este espaço que se coloca em gestação na convergências de afetos, forças e recursos que criam uma espacialidade que vai adquirindo sentido e contornos desenhados pelas mãos construtoras de seus moradores.

Após a luta por terra, veio a luta por infraestrutura urbana: energia elétrica, água, saneamento básico, criação de ruas, postos de saúde, escolas, etc. A área cresceu de forma desordenada com ocupações em áreas verdes e particulares, a margens de córregos e algumas consideradas áreas de risco geológico. O adensamento se deu pela divisão informal de lotes, que atualmente comportam duas ou mais famílias cada. As ruas do bairro receberam nomes de bairros da cidade, como Mangabeiras, Esplanada, Salgado Filho, Céu Azul, União, Gameleira, Funcionários e outros.

Ressalta-se que o Conjunto foi objeto de um Plano Diretor próprio, devido sua complexidade urbanística e social, elaborado pela URBEL em 1995 e atualizado em maio de 2001, que apontou a necessidade de grande número de remoções e intervenções na região.

Atualmente, segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, o Bairro Taquaril possui uma população de 43.872 pessoas, com 10.094 domicílios particulares permanentes em aglomerados subnormais, 86,87% dos domicílios possuem abastecimento de água adequado, 68,49% deles possuem escoamento sanitário adequado, 87,13% possuem coleta de lixo adequada, 58,07% possuem saneamento adequado, 81,14% destes domicílios são particulares permanentes próprios, sendo que 68,67% possuem propriedade de terreno contra 16,16% que ainda não possuem, tem-se ainda, 8,15% do total de domicílios alugados, e 99,66% possuem iluminação elétrica.

No que tange ao percentual de famílias, por classe de renda mensal do responsável, no Bairro Taquaril, em salários mínimos (s.m.), aproximadamente 53% recebem até 2 s.m. e 27% recebem de 2 a 5 s.m., de acordo com dados do Censo Demográfico do IBGE 2010. A média de anos de estudos de pessoas de 25 anos e mais é de 3,9 a 5,7 anos de estudo. A taxa de alfabetização é de 81,08%. O território do bairro é hoje um dos mais extensos aglomerados e continua a receber pessoas advindas de várias localizações, não apenas da capital como de cidades do interior.

A concepção de território encontra-se prioritariamente pautada pela natureza simbólica das relações sociais, de modo que território é elemento fundamental na constituição de identidades. A compreensão do conceito inclui uma dimensão simbólica identitária, em que as relações sociais ocorridas num espaço vivido e reivindicado acabam por resignificá-los constantemente. Neste sentido considera-se essa realidade como *sentido relacional de território*. Território é relacional porque é construído no seio das relações sociais, englobando poder, processos sociais, espaço vivido, práticas cotidianas, influência de agentes externos e a própria dinâmica do local. Inserido no conceito está o movimento, a fluidez, as conexões que foram e são configuradas.

A história do bairro vem sendo registrada como narrativa por meio do Programa Ponto de Memória Museu do Taquaril, através de um grupo de moradores locais, do qual fazemos parte, que se lançam ao desafio de delimitar e dar visibilidade ao patrimônio construído ao longo de vinte e três anos de existência do bairro.

Memória Social

A busca para dar sentido ao mundo constitui-se como uma prática social inerente à própria existência humana. A ação humana é não só fixada biologicamente como, principalmente, pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração, por meio da educação e da cultura. Por conseguinte, a atuação do homem ao alterar a natureza, por meio de sua ação, torna-a humanizada, isto é, a natureza adquire a marca da atividade humana. Dessa forma, paralelamente, o homem altera a si próprio por intermédio dessa interação e vai se construindo. A interação homem – natureza, processo social permanente e dinâmico, é o processo de produção de existência humana.

Quaisquer que sejam as necessidades dos seres humanos, elas são criadas, atendidas e transformadas a partir das interações sociais que estão presentes na interdependência daqueles seres, em todas as formas da atividade humana. E, as histórias orais de vida, como produto da atividade humana, são a expressão das relações e atividades reais do homem estabelecidas no processo de produção de sua existência. São assim, a representação daquilo que o homem faz, de sua maneira de viver e de se relacionar com os outros homens, do mundo no qual se insere e também de suas próprias necessidades em um determinado contexto histórico. Logo, o conhecimento humano, em suas diferentes matizes, exprime esse dado momento da história.

Connerton (1999) em seu percurso conceitual sobre a memória social reflete acerca da experiência particular como algo que está sujeito a um conjunto global, a uma estrutura de expectativas implícitas das quais se parte para criar o “novo”. O autor deixa claro como a tentativa de ruptura com o velho enfrenta uma sorte de sedimento histórico que constitui um instrumento de interpretação das práticas sociais ou pelo menos da forma como as sociedades as subjetivam numa continuidade temporal.

O autor mostra-nos como a memória social, na condição de fenômeno interpretável, se contrapõe à atividade de reconstituição histórica que busca obedecer aos critérios de verdade estabelecidos pela História. Pontua como os historiadores dispõem de relativa autonomia diante daquela, justamente pelo fato de julgarem os testemunhos que esta lhes fornece. Em continuo pontua, ainda, como a História revê os seus procedimentos de reconstituição histórica em contextos e situações distintas, para mostrar como as transformações da concepção de escrita da História atrelam-na, cada vez mais, às atividades do Estado. E assim, concebem-na como um instrumento de formação da identidade política dos grupos sociais, agindo sobre o processo de constituição da mesma, agindo sobre o processo de formação de

suas memórias. Contudo, sai da esfera dos escritos historiográficos como meio de perpetuação das memórias e a atrela também às narrativas orais, contadas informalmente, com o intuito de fazer-nos ver como as histórias de vida são influenciadas pelos grupos sociais em que se situam e de que se lança mão para contextualizá-las, visto que é neles e a partir deles que se forma a identidade desses sujeitos que os constituem.

A crítica desenvolvida por Connerton situa a memória no interior dos grupos sociais, apontando-a como um fenômeno social cuja perpetuação deve aliar, inexoravelmente, recordações e corpos. Sua teoria crítica está atravessada pelo conceito de memória cultural, entendida, por ora, como uma memória recuada, referente à ideia de uma origem que é também presentificada. Em sua obra, isso se dá em virtude da natureza prototípica das ações que constituem os ritos cuja encenação ocorre em virtude da adesão de espírito dos indivíduos que desejam transmitir e conservar determinada memória. Isto nos permite admitir a memória social como uma dimensão da memória cultural.

Desta forma, este artigo abre caminho para se pensar a própria relação entre memória e linguagem, sob o julgo de olhares que rompem com uma tradição interpretativa que, multifacetadamente, põe em revista os modos de pensar e agir dos indivíduos no seu presente, que, por sua vez, recuperam o passado.

Assim, temos nos relatos de moradores da comunidade do Taquaril – Belo Horizonte, a consolidação da história da comunidade a partir da história de seus moradores que buscam as relações que as pessoas estabelecem com esse lugar na instituição de uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta. Busca-se estabelecer espaços para as narrativas como meio privilegiado de abordagem metodológica.

Os espaços deixam marcas impressas na paisagem. Os testemunhos e recordações registram informações de tempo e contam a história do lugar. As memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam Lugares. **“AQUI EU VIVO”** é um espaço que convida as pessoas a contarem histórias vividas no Taquaril. As histórias das ruas, das casas e de seus moradores são rememoradas pelo olhar daqueles que às viveram no decorrer do tempo.

O tempo configura-se como uma vivência concreta, apresentando-se como uma das categorias centrais da dinâmica da História, sendo um movimento de múltiplas faces,

características e ritmos, que inserido à vida humana irá implicar durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades e descontinuidades. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.

Para contar a luta para infraestrutura das ruas da comunidade do Taquaril, apresentamos o relato de Nair Sudário Dias:

Ele tinha muita vontade que calçasse a rua... arrumasse né! Que ele lutou muito também pelo Taquaril, né! Aí ele tinha vontade. No dia que eles estavam arrumando a rua aí ele deu um AVC. Aí para tirar ele daqui... Estava aquele montão já de terra. Aí não teve jeito, ele morreu ali mesmo na porta das irmãs. Aí ele não viu tudo o que aconteceu, mas o sonho dele era ver essa rua arrumada.

Teve muito aperto. Já morreu muita gente, teve muito aperto. Foi bom, é bom. Isso aqui foi Deus que me deu. No dia que eu morrer fica com a minha menina. Eu gosto muito daqui, aqui não é favela é um bairro.

O olhar do homem no tempo e através deste, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcam sua própria história. O relato de dona Nair ao interpretar a história vivida, no processo de rememoração da história de luta para infraestrutura das ruas, volta seu olhar para o vivido reinterpretando-o, desta forma, tira da invisibilidade a realidade de negação social vivida por aqueles moradores.

O tempo, a memória, o espaço e a história caminham juntos. O tempo atuará modificando ou reafirmando o significado do passado, projetando utopias e desenhando com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado. A memória como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo duas dimensões temporais, a coletiva e a individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas, através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas.

O tempo e os acontecimentos relacionados entre si irão constituir a sucessividade e tempos diversos serão identificados pelos elementos substantivos que fizeram diferentes entre si. A busca do significado da constituição da comunidade do Taquaril tem na memória de seus moradores suportes básicos, reconhecê-los é encontrar valores, culturas, modos de vida,

representações, enfim, uma gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas.

A moradora Maria das Graças ao rememorar a fase em que grande parte das moradias do Taquaril eram casas feitas de lona e madeira, nos apresenta, em sua singularidade, uma especificidade constituinte dessa precariedade vivida por diversos moradores, como pode ser observado no relato:

Eu e meu esposo trabalhávamos e quase não tínhamos tempo de encontrar um com o outro. Uma certa feita, ele saiu para pegar trabalho, ele rodava turno e não tinha horário certo para sair de casa. Chovia muito e nós morávamos numa barraca de lona e quando ele saiu tinha um bêbado escorado na beirada da lona da barraca. Ele foi trabalhar e deixou esse homem dormindo na beirada da barraca e eu fiquei com muito medo, tinha duas crianças pequenas. Eu fiquei com medo desse homem. Só que naquele tempo eu tive a ideia de colocar o travesseiro no pé da cama e fiquei muito tempo dormindo para os pés da cama. Foi um hábito que eu custei a tirar. Foi quando construiu os dois cômodos e foi aí que comecei a tirar esse costume de dormir com os pés na cama. Sofremos muito nesse início, mas hoje podemos dizer que estamos no céu. Água, luz... tivemos muita luta, mas hoje estamos muito felizes.

A singularidade dessas experiências irá constituir o substrato da marca do tempo, muitas vezes reafirmado pela memória e em outras por ela sublimado, pois reconhecer o passado é uma façanha tão extraordinária quanto alcançar o infinito ou contar estrelas, já que, mesmo bem documentado, ele tende a se tornar fugidio e imenso em sua extraordinária dimensão e variedade de situações (Lowenthal, 1981, p. 73). A História e a memória contribuirão na busca de evitar que o ser humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas, que mesmo sendo identidades sempre em curso, como afirma Boaventura Santos (1994, p. 127 -9), são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história.

Entre a História e a memória existe uma clara distinção, não existindo oposição, mas tão somente diferenças entre ambas, o que as aproxima são as construções das identidades, que têm o passado como suporte e a potencialidade visionária do porvir e do poder como possíveis objetivos. A memória define relevância a tudo que evoca o que passou, garantindo sua permanência reatualizada, ou mesmo ressignificada no presente. A memória, portanto, de acordo com Nora, encontra-se em múltiplos lugares, os lugares da memória (Nora, 1984).

As narrativas, tal quais os lugares de memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias, sob a forma de registros orais ou escritos

são caracterizadas pelo movimento peculiar á arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. Vejamos a narrativa da moradora Angélica Rosa de Moraes:

Tem 24 anos que eu moro aqui, mudei mesmo para sair do aluguel. Mudei sem água, sem luz, com a casa sem rebocar, sem piso, né! Lavava roupa, tinha criança pequena, lavava roupa na cachoeira lá embaixo, todo dia eu descia com a bacia para lavar roupa lá embaixo, né! O principio aqui era muito difícil... pra subir para trazer comida, né. Tinha dia que eu subia com oito marmitas de comida, água, café para trazer para o pessoal que estava trabalhando aí pra gente, ajudando né! Aí subia e grávida da minha menina de oito meses. Eu subia com esse peso todo e... pra trazer a comida para eles aqui em cima. Então o principio aqui nosso foi muito difícil, muito difícil mesmo!

Carregava pedra, carregava tijolo, carregava areia, no carrinho né! Então foi muito difícil mesmo o princípio aqui.

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ou da vida de uma pessoa. Assim, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico.

As histórias orais de vida e sua relação com a memória configuram-se como uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, “a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais” (Grossi e Ferreira, 2001, p. 30).

Narrativas, sujeitos, memórias, histórias e identidades constituem o Taquaril enquanto um patrimônio formado por seus moradores, vidas e acontecimentos significados. São olhares que permeiam tempos heterogêneos, uma história em construção, memórias que falam. Essas memórias materializam-se no esforço das coletividades para não se perder no esquecimento e no eterno presente, seus moradores que fazem do Taquaril um território de memória. O Ponto de Memória Museu do Taquaril torna-se responsável pela preservação de vestígios e fragmentos do que passou, fazendo de seu espaço, um arquivo e centro de documentação, um lugar de memória e da História.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Referência

CONNERTON, Paul. *Como as sociedades se recordam*. 2. ed. Oeiras: Celta Editora. 1999.

GROSSI, Yonne e FERREIRA, Amauri. *Razão narrativa: significado e memória*. História Oral (4). São Paulo: ABHO, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ. 1999.

LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

NORA, Pierre. Lês Lieux de Memórie. I: *La Republique*. Paris: Gallimard, 1984.

SANTOS, Boaventura. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós modernidade*. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

http://www.favelaeissoai.com.br/comunidades_mostra.php?cod=6. Acessado em 14 de junho de 2013.

<http://www.ibge.gov.br/home/>. Acessado em 14 de junho de 2013.